

Isto é

4/7/1984

Do bóia-fria ao bóia-quente

Bóias-frias, usineiros e "gatos" atravessam neste momento a encruzilhada da modernidade e avançam pelos caminhos da implantação definitiva da grande empresa capitalista na região rural de São Paulo. É uma caminhada que se faz alternando avanços e recuos, cheia de surpresas — que podem incluir uma eventual aliança dos trabalhadores com os usineiros, para vencer a obstinada resistência dos "gatos".

"Usineiro nenhum está conseguindo obrigar o 'gato' a cumprir o Acordo de Guariba", acusou Idacir Olivato, 29 anos, cortador de cana na Fazenda Anglo e um dos integrantes da comissão dos doze bóias-frias que negociaram com os representantes patronais em Pitangueiras, no dia 21 de junho. "A única saída para melhorar nossa situação é fazer o usineiro assinar nossa carteira de trabalho, sem o 'gato' no meio."

Para aumentar sua margem de lucro na contratação de mão-de-obra, o empreiteiro sempre se valeu de expedientes vorazes que levaram o bóia-fria a batizá-lo de "gato", ou seja, o bicho que rouba furtivamente, de acordo com a imaginação popular. O "gato" pode, por exemplo, abocanhar parte da produção do bóia-fria quando faz a medição em metros da extensão da cana cortada e sua complicada conversão para toneladas, um processo em que não há fiscalização por parte do trabalhador. Ele costuma reter parte dos encargos sociais devidos aos empregados, cobra taxas pelo fornecimento de vales e chega a sublocar moradias a preços mais altos que o aluguel normal. Portanto não é sem motivos que o bóia-fria quer ver-se livre dele. E, como o bóia-fria, também o usineiro.

"O 'gato' é o fora-da-lei, é o clandestino", define Clésio Balbo, que reconhece ser esse tipo de empreiteiro uma espécie em extinção nas grandes usinas da região de Ribeirão Preto que já há algum tempo preferem contratar diretamente seus empregados, com garantia de trabalho durante todo o ano. Até então, o bóia-fria tinha cana para cortar apenas entre maio e setembro. O período da entressafra chegava para ele como um tempo de incerteza, em que sua sobrevivência ficava ao sabor de colheitas avulsas de outras culturas.

"O critério que norteou nossa reorientação no rumo da fixação do trabalhador na empresa foi a busca de maior produtividade no corte da cana", assinala Biagi Filho. Num momento de escassez de mão-de-obra de alta qualidade, a Usina Santa Elisa formou duas turmas de ótimos cortadores de cana, cerca de setenta pessoas, e os registrou. Estava começando o boom do Proálcool e a nova situação exigia empresas mais estáveis em de mão-de-obra.

"Não se contratam quinhentos trabalhadores da noite para o dia, o custo acaba-se tornando altíssimo", argumenta Césio Balbo para justificar o abandono da mão-de-obra temporária nas usinas Santo Antônio e São Francisco. A excessiva rotação da mão-de-obra eleva os custos de treinamento do trabalhador. "Com a fixação", explica Balbo, "a empresa pode formar o empregado de acordo com suas normas de trabalho e ter uma ascendência sobre ele, o que não ocorre quando o 'gato' é o patrão".

Assim, nos últimos anos, duas tendências foram-se cristalizando na região. De um lado, grandes e modernas usinas e fornecedores de cana que dispensam o "gato" e o " substituem pela figura do "agenciador", um assalariado da empresa que recruta turmas de cinquenta bóias-frias, no máximo, sob sua responsabilidade e os encaminha para registro na usina. O "agenciador" tem seu caminhão e recebe uma porcentagem sobre a produção dos bóias-frias, além de seu salário, como estímulo de produção e pela tarefa de coordenação. Para os bóias-frias, ele é o "feitor".

A outra realidade é a das pequenas usinas e fornecedores de cana, que se contam às centenas, sem disposição para abandonar o velho estilo e oferecer aos trabalhadores contratos de trabalho para o ano todo. Em geral, seus proprietários arrepiam quando ouvem falar do Acordo de Guariba, pois seu cumprimento implica custos e investimentos que eles não estão preparados para enfrentar.

“O pano de fundo desta controvérsia é a concorrência pela mão-de-obra mais qualificada no corte de cana, uma tarefa que depende da força física e da habilidade do bóia-fria”, interpreta a socióloga Maria Conceição d’Incao, a pioneira na pesquisa universitária sobre os bóias-frias. “É a seleção dos mais fortes; as usinas buscam fixar os mais jovens, entre 16 e 30 anos, do sexo masculino, uma competição que deixa para trás o velho, a criança e a mulher.” Quem reivindica a eliminação do “gato”, por consequência natural, acaba sendo o bóia-fria das usinas e os fornecedores de menor porte, já que no outro setor ele já foi substituído pelo “feitor”.

A introdução do contrato de trabalho não sazonal foi viabilizada, nas grandes propriedades, pela associação de vários fatores, dentre eles principalmente a necessidade de renovar anualmente 25% dos canaviais e a recente disposição dos fazendeiros para intercalar cultura com lavouras de grãos. No bloco das dezenove usinas da região, a previsão da produção para a entressafra de 1983/4 é de 58 toneladas de soja, amendoim, feijão, arroz, milho, entre outros. Assim, quando não estão cortando cana, os trabalhadores dessas usinas dedicam-se a uma dessas atividades paralelas. Num documento recente, usineiros estimam em apenas 10% o volume de mão-de-obra que eles contratam por meio dos “gatos”. Essa estatística se choca com estudos da Universidade de São Paulo, segundo a qual se registram pelo menos 30% dos empregados dessas usinas como agenciados pelos empreiteiros. Ainda assim, o avanço sobre as condições de trabalho dos obscuros anos 70 é visível.

O que interessa aos usineiros sobretudo é obter maior produtividade no trabalho — e, em sua busca, eles têm feito experiências interessantes que, se generalizadas, poderiam alterar substancialmente o modo de vida dos trabalhadores na cultura canavieira, que ganharam o apelido “bóia-fria” porque se alimentam com uma refeição preparada de manhã e que nas duras condições de trabalho no campo não pode ser esquentada. A Usina Santa Elisa, no momento, fornece refeições quentes a 650 trabalhadores.

Todos os dias, às 9h30m, eles interrompem o corte de cana e se dirigem a uma das encruzilhadas da lavoura onde os aguardam dois trailers brancos, puxados por caminhões da usina, com um serviço industrial de fornecimento de alimentação. Em filas, os cortadores estendem seus pequenos caldeirões e recebem o almoço quente. Na segunda-feira passada, por exemplo, o cardápio incluía carne cozida com couve e cebola, arroz, feijão e pão. O menu varia ao longo da semana, pode ter frango com polenta, bife com farofa, salada, lagarto ou almôndegas — num padrão de qualidade que nada fica a dever aos bandejões servidos aos estudantes das grandes universidades brasileiras.

Por essa bóia quente, cada trabalhador paga 14 mil cruzeiros mensais, descontados do seu salário, ou seja, menos de 500 cruzeiros por refeição. “Com o que eu ganho, não daria para comer uma comida tão variada”, constata Genadir Batista Cardoso, 30 anos, três filhos, anteriormente lavrador em Minas Gerais. Mas o sistema tem suas vantagens extras, tão valiosas quanto a própria qualidade da comida. “Agora posso dormir mais. Antes eu acordava às 4h30m para fazer a comida e agora me levanto às 5h45m”, revela Genadir.

Para o usineiro, os efeitos positivos da bóia quente são evidentes, conforme comprovam as pesquisas da Universidade de São Paulo. “A bóia quente melhora sensivelmente a produtividade do trabalhador rural”, concluiu o chefe do câmpus em Ribeirão Preto, o médico nutricionista José Eduardo Dutra de Oliveira, que acompanhou pesquisas semelhantes. Entretanto a bóia quente é um projeto experimental que, se tem comprovado resultados na

melhoria da performance pessoal dos trabalhadores e do seu padrão de vida, não demonstrou ainda igual capacidade para fortalecer a saúde das empresas que operam no setor. Mesmo os empresários de espírito mais moderno e inovador do mundo dos canaviais não conseguem imaginar um paraíso desse porte para os próximos anos. Em 1984, os bóias-frias brasileiros continuam meio século atrasados em relação aos trabalhadores das cidades.

Flamínio Fantini